



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v6i1l.4315>

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: RIQUEZAS E MISTÉRIOS NOS CONTEÚDOS DAS CANÇÕES DE MARABAIXO NO AMAPÁ¹

*Religion and education: richness and mysteries in the contents
of songs from Marabaixo in Amapá*

Elivaldo Serrão Custódio²

Resumo: O presente artigo discorre sobre religião e educação, mais precisamente sobre a literatura amapaense (LA) no espaço escolar. Tem por objetivo analisar os conteúdos das canções de Marabaixo no Amapá com intuito de desenvolver e/ou apresentar possíveis práticas pedagógicas sobre a LA, buscando salientar as riquezas e os mistérios dos referidos preceitos a partir da cultura e da religiosidade regional. Trata-se de um estudo qualitativo que usou como instrumentos de coleta de dados o levantamento bibliográfico, a análise documental e o questionário como forma de investigação. A abordagem refere-se ainda a uma pesquisa colaborativa através de momentos de discussões e reflexões sobre a LA como forma de re(conhecimento) da cultura e da religiosidade regional. O estudo foi realizado no segundo semestre do ano de 2018 com uma amostra do quantitativo total de alunos do 1º e 3º anos do ensino médio em uma escola localizada no município de Santana-AP. Os resultados revelam que grande parte dos discentes pratica a leitura e gosta de literatura. Porém a carência e a falta da implantação desse componente no currículo escolar regional são urgentes, já que muitos dos alunos e alunas da rede pública estadual desconhecem e/ou não tiveram acesso a esse material específico durante o percurso de seus estudos na educação básica, dificultando assim o entendimento e/ou compreensão do valor e importância da LA como patrimônio cultural e religioso.

Palavras-chave: Ensino Médio. Literatura amapaense. Canções de Marabaixo. Amapá.

Abstract: This article discusses religion and education, more precisely about the literature of Amapá (LA) in the school environment. It aims to analyze the contents of the songs of Marabaixo in Amapá in order to develop and/or present possible pedagogical practices on AL, seeking to highlight the richness and mysteries of the aforementioned

¹ O artigo foi recebido em 29 de março de 2021 e aprovado em 25 de junho de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente é professor no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP) e professor coorientador no Doutorado em Educação da Amazônia (EDUCANORTE). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-2947-5347>>.

precepts from the regional culture and religiosity. This is a qualitative study that used bibliographic survey, document analysis and questionnaire as a form of investigation as data collection instruments. The approach also refers to a collaborative research through moments of discussions and reflections on AL as a way of recognizing regional culture and religiosity. The study was conducted in the second half of 2018 with a sample of the total quantity of students from the 1st and 3rd year of high school in a school located in the city of Santana-AP. The results reveal that most students practice reading and enjoy literature. However, the lack and lack of implementation of this component in the regional school curriculum is urgent, as many of the students in the state public network are unaware of and/or did not have access to this specific material during the course of their studies in basic education, thus making it difficult, the understanding and/or understanding of the value and importance of AL as a cultural and religious heritage.

Keywords: High school. Literature of Amapá. Songs of Marabaixo. Amapá.

Introdução

A literatura deve ser realmente o lugar onde podem surgir
novas ideias que repensem o mundo.

Salman Rushdie

Sabe-se que a literatura proporciona ao estudante diferentes experiências com o mundo interior e exterior, permitindo assim o direcionamento cognitivo e intelectual do ser humano. Ao escolher a temática, teve-se por interesse demonstrar a diversidade cultural e religiosa do nosso Estado, no intuito de chamar atenção daqueles que não têm discernimento da literatura local, pois falar de obras literárias do estado do Amapá é valorizar a própria identidade, uma vez que essa traz consigo uma relevância ética e moral para o indivíduo.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo sobre literatura amapaense (LA), o qual visa realçar riquezas e mistérios nos conteúdos das canções de Marabaixo³, realizada no segundo semestre do ano de 2018 com uma amostra de aproximadamente quase cinquenta (50) do quantitativo total de alunos e alunas do 1º e 3º anos do ensino médio da Escola Estadual Professor Rodoval Borges, localizada no município de Santana, estado do Amapá.

A justificativa para a realização dessa pesquisa sobre o Marabaixo no espaço escolar deve-se à razão de que existem vários trabalhos que remetem ao papel do

³ “Por ser uma forma de expressão que reúne referências culturais vivenciadas e atualizadas pelos amapaenses, fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural negra brasileira, o Marabaixo foi reconhecido Patrimônio Cultural do Brasil. A decisão foi tomada hoje, 08 de novembro, por unanimidade, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), durante reunião que ocorreu no Museu Histórico do Pará, em Belém” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Museu Histórico do Pará, 2019*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4891/expressao-cultural-amapaense-o-marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 10 jan. 2020).

Marabaixo como ferramenta pedagógica no fortalecimento de se cumprir o que prescreve a Lei Federal nº 10.639/2003, que torna obrigatórios os conteúdos das histórias e culturas afro nos currículos escolares da educação básica.⁴

Assim, o presente artigo discorre sobre religião e educação, mais precisamente sobre a LA no espaço escolar. Tem por objetivo analisar os conteúdos das canções de Marabaixo no Amapá com o intuito de desenvolver e/ou apresentar possíveis práticas pedagógicas sobre a LA, buscando salientar as riquezas e os mistérios dos referidos preceitos a partir da cultura e da religiosidade regional. A motivação para essa pesquisa partiu do interesse de minha parte por já estar realizando trabalhos na temática racial no âmbito da graduação e da pós-graduação na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), assim como de meus orientandos (Emerson Borges da Silva e Luciane Santos de Souza) do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Faculdade Madre Tereza em Santana-AP. A pesquisa ainda emergiu da curiosidade de estudar o tema abordado partindo da seguinte indagação: as composições de Marabaixo, além de promover o enriquecimento cultural e religioso, tornam-se estratégias educativas significativas para o ensino da Língua Portuguesa e da literatura regional?

Acredita-se que a LA transfigura um valor inegável ao que concerne o ensino e a aprendizagem dos alunos e alunas durante o processo escolar, visto que o sujeito, ao ter essa prática na escola, terá mais conhecimento sobre suas tradições, seus costumes e suas crenças.

Diante desse contexto, a presente pesquisa está dividida em cinco seções. Na primeira, apresentam-se os caminhos e procedimentos metodológicos da pesquisa. Na seção seguinte, traz-se uma discursão sobre a chegada dos negros ao estado do Amapá: conceito, sociocultural, literário e religioso. Em seguida, a representação social da literatura no ensino médio e na vida do aluno e da aluna como forma de valorização da cultura e da religiosidade regional. Posteriormente, aborda-se a Lei nº 10.639/2003: desafios e possibilidades no processo de contribuições e aprendizagem. E por último, contribuições dos conteúdos das canções de Marabaixo para a LA e as considerações finais.

⁴ Ver, por exemplo, os trabalhos de: FOSTER, Eugenia da Luz Silva; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Contribuições da narrativa ficcional na superação do racismo e na implementação da Lei nº 10.639/2003 nos currículos. *BOITATÁ*, Londrina, n. 20, p. 331-346, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31494>>. Acesso em: 20 jan. 2021; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; SANTOS, Rubelina Silva dos. Narrativas ficcionais – potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 4, e5813, 2019. DOI: <<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5813>>. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5813/15911>>. Acesso em: 20 jan. 2021; VIDEIRA, Piedade Lino et al. Marabaixo como instrumento pedagógico no processo de ressocialização de crianças no “Abrigo Criança Feliz” em Macapá-AP. *Plures Humanidades*, v. 20, n. 1, p. 86-108, 2019. Disponível em: <<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/394>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Caminho metodológico da pesquisa

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual se considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo e o sujeito.⁵ Privilegiamos a pesquisa qualitativa por nos permitir compreender melhor os conteúdos das canções de Marabaixo com o intuito de desenvolver possibilidades de práticas pedagógicas sobre LA no ensino médio.

Para a fonte de dados, realizou-se levantamento bibliográfico e documental, que abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, adquirindo assim informações baseadas em pensamentos de autores, através de livros, artigos, sites entre outras fontes. Como procedimento técnico utilizou-se a pesquisa de campo, com o objetivo de conseguir informações e conhecimento acerca do problema.⁶

Como principal estratégia de prática utilizou-se a pesquisa colaborativa⁷, sendo essa uma nova vertente para o campo científico, pois parte do princípio de que os dados são gerados cooperativamente e a construção de conhecimentos é realizada a partir da participação ativa dos integrantes em prol de transformações na realidade. Dessa forma essas investigações proporcionaram, no âmbito da pesquisa social e humana, a oportunidade de os participantes se tornarem colaboradores do processo de construção de conhecimentos, ao tempo em que também promoveram espaços de formação e de desenvolvimento profissional para ambos, pesquisadores e docentes.

Esse tipo de pesquisa tem como modalidade a criticidade, por tentar compreender, interpretar e solucionar os problemas enfrentados por professores e professoras, viabilizando informações que permitem esse metamorfismo da cultura docente, pois as investigações construídas com base nessa perspectiva aliam a produção de conhecimentos à autorreflexão, criando condições para o desenvolvimento profissional dos agentes sociais.⁸

Com o intuito de cumprir os objetivos do estudo utilizaram-se alguns procedimentos como, no primeiro momento, a aplicação de questionário, com perguntas abertas e fechadas para os alunos e as alunas do 1º e 3º anos do ensino médio da Escola Estadual Professor Rodoval Borges, localizada no município de Santana, estado Amapá, com a finalidade de verificar o grau de entendimento a respeito da LA e se os mesmos apresentavam o hábito da leitura e a ministração de uma palestra para estudantes e docentes do turno da noite com a temática “Literatura Amapaense: valo-

⁵ PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, 2013. (recurso eletrônico).

⁶ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

⁷ A escolha da pesquisa colaborativa justifica-se por configurar-se em um espaço compartilhado, situar-se na perspectiva sócio-histórica, uma vez que concebe o ser humano como um ser em constante interação com o mundo que o cerca, possibilitando uma construção reflexiva e conjunta do conhecimento (CUSTÓDIO, 2017).

⁸ IBIAPINA, Ivana Maria. *Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão*. Piauí: Edufpi, 2016. p. 34.

rizando nossas raízes”. As atividades deram-se no mês de novembro de 2018, nos dias 13 e 20, respectivamente.

Destaca-se que a aplicação dos questionários seguiu todos os procedimentos éticos para a realização de pesquisas acadêmicas envolvendo seres humanos, conforme postula a Resolução n° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sobre as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ressalta-se ainda que, durante o processo de análise das informações, assegurou-se o anonimato de todos os participantes com o intuito de manter sua integridade.⁹

As investigações dos dados deram-se por meio das técnicas de Laurence Bardin¹⁰, que afirma que a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnica de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições do conteúdo das mensagens.

Negros no Amapá: conceito sociocultural, literário e religioso

Há tempos, existia uma preocupação da coroa portuguesa em relação à região amazônica, já se ouviam rumores de interesses nas terras por parte de estrangeiros, causando um cenário de preocupação nas autoridades lusitanas, que optam pela criação de fortes (fortalezas, capazes de suportar grandes combates) em todo o território amazônico, sistema esse regido por Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal, homem que foi muito poderoso no reino lusitano. E foi ele quem nomeou o então governador do Grão-Pará:

[...] Francisco Xavier de Mendonça Furtado, nomeado governador do Grão-Pará, em 1751, estudou a situação geográfica e fotográfica da povoação de Macapá e escreveu a Dom José I relatando sobre a necessidade de fortificar Macapá¹¹.

Por volta do século XVII, a expansão do descobrimento chega às terras tucujus e os motivos que levaram os portugueses a se interessar pelo estado do Amapá foram as minas de ouro, com o intuito maior de explorá-lo. Flávio dos Santos Gomes afirma: “com a existência de ouro, Macapá era querida por muitos estrangeiros inclusive Portugal”¹². E para o sustento das atividades precisou-se de mão de obra escrava, e se ocupou primeiramente dos indígenas que aqui já habitavam, mas não foi suficiente, por essa razão houve a necessidade de trazer mais pessoas, precisamente do continente africano, para atuar nas seguintes atividades: construção da Fortaleza de São José e agricultura.

⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

¹⁰ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

¹¹ MORAIS, Paulo Dias; ROSÁRIO, Ivone Santos de; MORAIS, Jurandir Dias. *O Amapá na mira estrangeira: dos primórdios do lugar ao laudo suíço*. Macapá: JM, 2003. p. 18.

¹² GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Nas terras do cabo norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII/XIX*. Belém: Editora Universitária UFPA, 1999.

Os primeiros a aportarem no Amapá foram os da Guiné Portuguesa, chegaram no ano de 1751, quando da ocupação da região, e eram escravos de famílias provenientes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão, trabalhando na cultura do arroz. No entanto, o maior contingente veio a partir de 1765 para a construção da Fortaleza de São José de Macapá, durante o governo do Grão-Pará. Esses escravos morriam de doenças como malária e sarampo, e ainda por acidentes de trabalho.¹³

Assim, com a chegada desses negros para edificação das obras, começaram a aparecer as primeiras manifestações culturais amapaenses, haja vista que a senzala foi o único lugar em que os escravos se expressavam, escrevendo as letras das canções, por que mesmo estando em situação escravocrata, não abandonaram suas origens e encontravam forças para fazer seus rituais com cantos e danças, lembrando-se de si como ser humano oriundo da África. Fernando Canto relata que:

Os documentos falavam de inúmeros assuntos, nem sempre relacionados à obra da fortificação. E dentro dele verifiquei que havia um romance não escrito sobre a vida desses construtores-personagens, não escritos por eles nem por ninguém. Havia dentro deles os elementos de um romance sobreposto a uma história verdadeira, real, com suas características do gênero ficção literária¹⁴.

Essas vivências que foram experimentadas por esses afrodescendentes durante os levantamentos da Fortaleza de São José não foram apenas fatos isolados do cotidiano, mas foi o início da construção da identidade amapaense que surgiu através da fusão de culturas desses trabalhadores.

Com isso, afirma-se então que os relatos escritos pelos negros tinham valores culturais e literários, uma vez que as palavras escritas produziram uma sensação de encanto, anseio e até mesmo surpresas. Segundo Fernando Canto, “durante a sua construção, as cartas e relatórios emitidos pelos construtores tornaram-se peças informativas e valor literários, não apenas pelo que indicam sobre a obra em si, mas pelos aspectos inerentes ao comportamento de homens e mulheres”¹⁵.

Com essas descrições literárias surge o Marabaixo, uma expressão que reúne os aspectos lúdicos, religiosos e transgressores que transpõem os limites entre o lícito e não lícito, entre o sagrado e o profano. Porém, no ano de 1948, sofreu muitas ações preconceituosas por parte dos padres, pois, com a chegada dos missionários italianos, a cultura negra era considerada como macumba que cultuava o diabo e não uma manifestação local. Piedade Videira afirma que:

¹³ ALBUQUERQUE, Elane Carneiro. Cheiros e batuques do museu: construído conceitos poéticos no quilombo do Curiaú. *Revista Negro e Educação* – Linguagens, educação, resistências, políticas públicas, São Paulo, v. 4, p. 77, 2007.

¹⁴ CANTO, Fernando. *A água benta e o diabo*. 2. ed. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), 1998. p. 16.

¹⁵ CANTO, 1998, p. 17.

Com a chegada de padres missionários, no governo de Janary Nunes, ocorreu o enfraquecimento dessa manifestação cultural, visto que os católicos proibiam o toque tocassem próximo e dentro da Igreja de São José, já que para eles era coisa do demônio¹⁶.

Com o passar do tempo, o Marabaixo conquista seu espaço e começa a participar das festas das igrejas católicas. Hoje passou a ser tão relevante para os amapaenses que no dia 16 de julho se comemora o ciclo do Marabaixo, um evento que homenageia a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo. É importante enfatizar que o principal objetivo dos afrodescendentes era não deixar morrer suas origens, já que as canções foram as formas que acharam para se lembrar de suas identidades.

É pertinente destacarmos que a dança do Marabaixo no Amapá, segundo Piedade Lino Videira¹⁷, é hoje uma manifestação cultural popular afro-amapaense, que nasceu de diferentes etnias que foram transportadas de suas terras de origem para o Brasil. É uma mistura de dança, religiosidade e ancestralidade africana que tem orgulho, determinação e resistência. É ainda um ritual que compõe várias festas católicas populares em oito comunidades negras da área metropolitana de Macapá e Santana no estado do Amapá.

Entendemos que a religiosidade é um fenômeno que está presente em todas as sociedades. Romilda Jesus e Cairo Katrib, ao tratarem da religiosidade e culturas africanas, entendem que:

Valorizar a religiosidade e cultura africanas são imprescindíveis para a implementação de novos olhares sobre a nossa prática pedagógica, para a construção da identidade do aluno, e para se pensar um espaço escolar capaz de lidar com as diferenças e valorizar a riqueza cultural brasileira, regional ou local, na qual se insere a escola e sua comunidade [...]¹⁸.

As religiões de matrizes africanas fazem parte da formação cultural brasileira. Mesmo aqueles que não são adeptos acabam se relacionando de alguma forma com as práticas culturais, sociais e simbólicas dessas religiosidades.

Para Clifford Geertz¹⁹, o conceito de cultura mostra-se essencial para a explicação de toda a simbologia presente nas manifestações culturais de uma comunidade. Segundo o autor, a cultura seria um sistema de significações dos fenômenos culturais, tornando-se responsável por produzir o saber popular. Ou seja, a cultura é uma teia carregada de significados que se manifestam em forma de símbolos, sinais, rituais,

¹⁶ VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente*: Significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: UFC, 2009. p. 187.

¹⁷ VIDEIRA, 2009.

¹⁸ JESUS, Romilda Maria de; KATRIB, Cairo Mohamad. Nós da memória: saberes africanos, vivências e (Re)significação identitária. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Orgs.). *Educação para as relações étnico-raciais*: outras perspectivas para o Brasil. Uberlândia: Lops, 2012. p. 414.

¹⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

signos e códigos interpretados pelo sujeito a partir do seu referencial teórico e de sua vivência cotidiana. Assim, na concepção de Clifford Geertz, a cultura

[...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida²⁰.

Clifford Geertz explica ainda que a religião está intimamente relacionada à construção do saber popular, e, portanto, por meio dessa construção, homens e mulheres justificam suas vivências: quando se executa um samba, ao comer uma feijoada, ao receber os cuidados de uma benzedeira, ao tomar um chá de erva medicinal, ao usar plantas e objetos como amuletos ou para afastar mau-olhado etc. Essas e outras práticas, relacionadas diretamente ou não com as religiões, fazem parte das nossas tradições e foram influenciadas pelas práticas e pelos costumes de diversos povos africanos. E como o modo de vida das populações africanas esteve sempre ligado ao sagrado, a maioria dessas práticas possuem simbologias relativas ao religioso. Compreender a relação entre religiosidade africana, afro-brasileira, afro-ameríndia e religiosidade cristã, significa imergir num sistema complexo de crenças, manifestações culturais e religiosas distintas e costumes diversos.

A propósito do cristianismo, Irene Dias de Oliveira destaca que “o cristianismo desde sempre teve que conviver e se relacionar com povos marcados por culturas e experiências religiosas diferentes e variadas”, além disso, ressalta a autora que o cristianismo “[...] ao longo dos séculos tem se autocompreendido como uma religião universal, cujos valores, crenças, normas seriam válidas para todos os povos e culturas”²¹. Entretanto, ao longo dos séculos, o cristianismo como uma das dimensões da cultura ocidental, assim como outras religiões, também vem demonstrando que não está imune a outras manifestações religiosas e/ou culturais.

Quanto à definição de religião afro-brasileira, Hendrix Silveira afirma que,

Religião afro-brasileira é o termo mais utilizado pelos estudiosos como um designativo geral para as expressões religioso-culturais africanas no Brasil [...] as religiões afro-brasileiras propriamente ditas seriam aquelas que têm grande influência das tradições africanas, mas que no processo diaspórico se amalgamaram com outras tradições religiosas (sobretudo com a indígena e com o catolicismo), gerando uma outra expressão religiosa como a umbanda, o catimbó, o babaçuê, a jurema, etc. [...] ²².

²⁰ GEERTZ, 2008, p. 6.

²¹ OLIVEIRA, Irene Dias de. *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 69.

²² SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *Não somos filhos sem pais: história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul*. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014. p. 58-59.

De acordo com prefácio do livro *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*, de João Luiz Carneiro²³, Reginaldo Prandi enfatiza que “as religiões afro-brasileiras são religiões rituais, pouco afeitas à reflexão sistemática sobre si mesmas, baseadas fortemente na mitologia e sua representação ritualística”. Além disso, as religiões afro-brasileiras estão muito ligadas à tradição oral, pois a oralidade se constituiu como um elemento fundamental nas tradições afro.

Segundo Volney J Berkenbrock, em seus estudos sobre religião africana, as características dessas religiões apresentam os seguintes aspectos:

- a) A religião diz respeito mais à sociedade que ao indivíduo [...] ela é a origem de sentido para a ordem como um todo.
- b) A fé num ser supremo (Deus), que é caracterizado de formas muito diversas [...].
- c) A crença numa existência após a morte – seja lá está entendida como for – e, ligado a isto, o culto aos mortos são também patrimônio comum das religiões africanas [...];
- d) Outra característica comum das religiões africanas é a crença na existência de espíritos. Estes são entendidos como seres ou forças intermediárias entre o ser superior e as pessoas [...] Estes não são entendidos basicamente como sendo bons ou maus [...]²⁴.

Em se tratando de religião²⁵ em nosso país, observamos que os dados estatísticos apresentados pelo último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 demonstram que 92% da população brasileira se declara adepto a algum tipo de religião. Elivaldo Serrão Custódio, ao analisar esses dados, por ocasião de nossa pesquisa de mestrado no estado do Amapá, verificou que esses dados demonstram que a questão religiosa no Brasil é muito complexa, devido a sociedade ter à sua disposição uma fantástica multiplicidade de crenças e práticas religiosas.²⁶

²³ CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 11.

²⁴ BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 63-64.

²⁵ Não temos a intenção de fazer uma longa discussão sobre o conceito de religião neste trabalho. Entretanto, destacamos o pensamento de ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001, quando expressa que religião é um sistema infinitamente complexo, que pode ser apontado como uma referência primordial. Conforme o autor, a religião é o sistema de mundo das sociedades tradicionais, ao mesmo tempo, autônoma em relação à sociedade.

²⁶ CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. *Políticas públicas e direito ambiental cultural: as religiões de matrizes africanas no currículo escolar no Amapá*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2014.

A representação social da literatura no ensino médio e na vida do aluno e da aluna como forma de valorização da cultura e da religiosidade regional

Parte-se da ideia de que o texto literário constitui-se em um meio pelo qual podem ser veiculadas representações sociais, principalmente, levando-se em conta os aspectos da comunicação *intra* e *inter* grupos.

É pertinente ressaltar que foi a partir do trabalho de Serge Moscovici²⁷ que a palavra representação passou a ser utilizada com mais frequência na atualidade. Segundo o autor, representação social é “um universo de opiniões próprias de uma cultura, uma classe social ou um grupo, relativas aos objetos do ambiente social”²⁸. Assim, utilizamos essas ideias sobre “representação social”, pois desejamos perceber como a literatura, em especial a literatura amapaense é constituída no processo de conhecimento que os alunos e as alunas do ensino médio vivenciam durante o processo de ensino e aprendizagem.

Para Denise Jodelet²⁹, a representação social constitui uma forma de conhecimento, um saber prático que se refere exatamente à experiência a partir da qual ele se produz, e que serve para agir sobre o mundo. Assim, é imprescindível o quanto a literatura é importante para o aprimoramento dos indivíduos em diferentes aspectos, tanto educacional como cultural, haja vista que uma pessoa que tem domínio da leitura se destaca na sociedade por ter um vocabulário enriquecido, dinamismo de raciocínio e um senso crítico. Além disso, a literatura é um caminho possível para se compreender as sensibilidades de uma época, pois o texto literário é algo que vai além de um mero reflexo da sociedade, é um produto social e cultural.

No ensino médio, a literatura é fundamental para o ensino-aprendizagem dos alunos e das alunas, pois é nessa fase que eles e elas estão se preparando para o vestibular e precisam ter a prática aguçada de ler, porém bem se sabe que essa realidade é um equívoco, tendo em vista que os estudantes só se interessam pela literatura porque serão cobrados futuramente.

A literatura, além de importante para o ensino de Língua Portuguesa, História e demais componentes curriculares, destaca-se que quanto mais o estudante lê bons livros, igualmente aprende sobre os mecanismos de funcionamento da língua, tanto escrita quanto falada. Sendo assim, o Ministério da Educação (MEC), com o propósito de nortear o direcionamento do ensino brasileiro, estabeleceu, em 1988, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na intenção de aprimorar as questões educacionais, a fim de que os alunos e as alunas tenham contato com múltiplos conhecimentos pertinentes ao mundo em que vivem. Esse registro contribuiu tanto para a formação do profissional como para direcionar a compreensão da leitura conforme o trecho a seguir:

²⁷ MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

²⁸ MOSCOVICI, 1978, p. 66.

²⁹ JODELET, Denise (Org.). *Les représentations sociales*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, interferência e verificação, sem as quais não é possível proficiências³⁰.

Percebe-se que esse ponto de vista, agora agrupado pelo discurso oficial e autorizado, não surge do nada, nem se inclui. Pelo contrário, surge, por sua vez, revelado pelo resultado de pesquisas acerca do ensino e da aprendizagem de língua, assim, os estudantes precisam da literatura para se apropriar de grandes saberes; e quanto mais cultivar essas técnicas, mas amplia-se o repertório cultural. E não é diferente quando se refere à LA, como bem se sabe, a cultura torna-se uma peça de ferramenta crucial no processo de aquisição dos educandos e das educandas.

Os e as estudantes devem ter conhecimento de suas origens; uma vez que se trata de etnia e educação, esses fenômenos estão intrinsecamente ligados, assim transformam-se membros socializadores, capazes de metamorfosear a forma de pensar dos estudantes e tornando-se um defensor no processo de ensino, mas essa prática deve partir das escolas, dos professores e das professoras, na forma de incentivar os e as discentes a gostarem de literatura local.

Conseqüentemente, é significativo enfatizar a utilidade de haver a inclusão da disciplina no currículo e matriz escolar, para que se possa possibilitar aos e às estudantes conhecimentos de sua própria cultura e tradições. Desta forma, com certeza, haveria mais valorização por partes dos e das discentes, que deixariam de lado olhares pejorativos ou até mesmo discriminatórios quanto ao patrimônio regional.

Literatura amapaense e Lei nº 10.639/2003: desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem

Este tópico está em concomitância para a implementação da Lei Federal nº 10.639/2003³¹ no estado do Amapá, tornando obrigatório o ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana nas matrizes curriculares das disciplinas de Histórias, Artes e Língua Portuguesa no ensino público e privado do Brasil, possibilitando assim o avanço da disseminação cultural afro-amapaense em seu próprio território e em todo o país, e aumentando a diversidade étnica racial.

É notório que a referida lei seja mais um dos marcos conquistados pela comunidade negra, nas lutas antirracistas e pela democratização do ensino, não falo escri-

³⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 69.

³¹ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2003.

vos porque eles não nasceram assim, mas ascendem uma identidade étnica e cultural que é proveniente da “mãe África” (relacionado ao continente africano).

Sabe-se que tal conquista não foi só na sua implementação de data comemorativa, mas uma luta que perdurou mais de século para que houvesse o devido reconhecimento à luta desse povo, que foi a efetuação do ensino das culturas afros ao estudo formal das escolas de ensino, tanto pública quanto privada. Porquanto a luta da população negra é e sempre será importante para que haja diversidade étnica e racial em nosso país.

Podemos lembrar que, apesar da obrigatoriedade do estudo da história dos negros, pouco se tem feito para que ocorra uma efetiva implementação dessas normas estabelecidas, pois muitos ainda não sabem ou ignoram o firmamento da obrigatoriedade, e em muitas instituições, para lembrarem dessa “aquisição”, convidam um grupo de capoeira ou um grupo de canto com pessoas negras, crendo que de alguma forma estão colaborando para a diversidade cultural e religiosa no país.

Neste contexto, acreditamos que a LA pode representar um recurso pedagógico importante para o combate ao racismo, à intolerância religiosa e às diversas formas de marginalização e discriminação às quais as pessoas negras são submetidas em ambiente escolar.

Nossas pesquisas no âmbito da graduação e da pós-graduação têm indicado que ainda hoje, não obstante os grandes avanços, a ficção tanto popular como literária ocupa um espaço de destaque na formação e perpetuação dessa memória racista e desqualificadora da negritude. E essa memória tem dominado os currículos escolares, nos impondo, portanto, a responsabilidade de provocar rupturas nessa conjuntura, apresentando aos professores, às professoras, e demais participantes da comunidade escolar possibilidades de mudança e equidade social.

Nos contos de fadas, por exemplo, é notória a total ausência da figura do negro, ou seja, a raça negra é constantemente negada não pela presença de estereótipos negativos, mas pela constante afirmação do ideal de raça branca. Assim, a legislação representa uma melhoria na democratização do currículo: “É tarefa da escola fazer com que a história seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos”³². A escola é um espaço privilegiado para essa tarefa, já que é “sistemática, constante e obrigatória”³³. Portanto espera-se que os educadores, as educadoras, educandos e educandas contribuam e atentem mais para a valorização e façam valer essa conquista da lei e não fique somente no papel, mas que seja conteúdo de regras e práticas para toda a sociedade.

³² SANTOS, A. de F. T. Cultura e educação a serviço da transformação social. In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia; GONDRA, José (Orgs.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 20.

³³ FIGUEIRA, Vera Moreira. *O preconceito racial na escola*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1991. p. 21.

Contribuições dos conteúdos poéticos das canções de Marabaixo para a literatura amapaense

Sabe-se que a literatura é de suma relevância para o desenvolvimento do indivíduo, pois ela se apresenta como uma modalidade privilegiada de comunicação que possibilita o diálogo entre textos e leitores de todas as épocas e viabiliza o desenvolvimento da imaginação, fazendo com que o leitor, a leitora, mergulhe em um mundo desconhecido, ainda disponibilizando ampliar conhecimentos apresentando diferentes rumos acerca do mundo. Segundo Regina Zilberman e Ezequiel Silva:

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê³⁴.

Diante disso, é notório dizer que o estado do Amapá possui uma das mais deslumbrantes literaturas, que está nos conteúdos das cantigas de Marabaixo, nos quais os autores das obras nos remetem a um passado de histórias vivenciadas por gerações remotas e, quando lembradas, trazem à tona lembranças de dor pela forma que eram tratadas as pessoas escravas naquela época, e de alegria, por hoje em dia gozarem de uma determinada liberdade de saber que não estarão mais sujeitas à mesma atrocidade de outrora.

Os conteúdos dessas canções são indispensáveis para o enriquecimento cultural e literário no Amapá, pois quem passar a ter conhecimento compreenderá a importância de mantê-la viva e passará a valorizá-la. A literatura do estado do Amapá, em relação ao seu acervo bibliográfico, ainda é insuficiente devido à falta de apoio dos responsáveis ligados à cultura, pois se sabe que, no âmbito literário, a região Norte conta com vários autores e escritores, porém suas obras são pouco divulgadas, justamente pelo não apoio financeiro das entidades competentes. Essa falta de acervo dificulta o levantamento de dados sobre essa literatura, uma vez que são os registros escritos que comprovam a existência da mesma em determinado período.

Uma consequência dessa falta de material é o fato de não haver dados de quando precisamente surgiu a LA, o que se têm é o que fica na memória dos antepassados que vão passando de geração a geração. No Amapá concentram-se mais lendas ligadas às tradições folclóricas e ainda livros de poesias, e não especificamente abordando a história da LA, como afirma Nunes Pereira.³⁵ Portanto tais obras realçaram nosso acervo nacional e regional nos enchendo de orgulho, pois englobam situações históricas, fatos passados e atitudes do cotidiano.

³⁴ ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Literatura e pedagogia*: Ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 19.

³⁵ PEREIRA, Nunes. *O sahiré e o marabaixo*: Tradições da Amazônia. Contribuição ao Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore, 2012.

Assim, falando nas obras literárias como canções, poesias entre outras produções, elas são indispensáveis para o desenvolvimento e engrandecimento cultural e literário de qualquer indivíduo que tome consciência da sua importância. Sabemos que tais gêneros contribuem de forma esplêndida para o caráter e a identidade literária de cada sujeito, aguçando a ansiedade e a expectativa por novos conteúdos, a busca de aprendizados que tornem possível a decodificação nos assuntos supracitados.

Destarte, que não se pode deixar de mencionar neste artigo os nomes dos autores que foram primordiais nesse trabalho e que são muito importantes para a LA, como, por exemplo, Canto³⁶. Assim constata-se que a LA possui excelentes escritores e que carregam consigo uma grande contribuição social em prol de um benefício cultural para todos. Efetivamente a poesia e as obras locais devem ser incentivadas por toda a sociedade. A seguir, no quadro 1, apresentamos algumas canções que foram catalogadas da LA durante a pesquisa de campo:

Quadro 1: Canções da Literatura Amapaense

Título da Canção	Estilo literário
Eu caio, eu caio, eu caio	Sátira
Aonde tu vais, rapaz	Crítica
Às quatro da madrugada	Exaltação
Guardariô	Agradecimento
Cafusa	Lamentação

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Dessas canções ora mencionadas, destaca-se “AONDE TU VAIS, RAPAZ”, sobre a qual se teceram alguns comentários:

AONDE TU VAIS, RAPAZ

Dia primeiro de junho
 Eu não respeito o senhor
 Eu saio gritando “viva!”
 Ao nosso governador
 (refrão)
 Destelhei a minha casa
 Com a intenção de retalhar
 Se a Santa Ingrácia não fica
 Como a minha há de ficar
 (refrão)

³⁶ CANTO, Fernando. *Vertentes discursivas da Fortaleza de São José de Macapá*. das cartas dos construtores às transformações e apropriações simbólicas contemporâneas. Macapá: Editora da UNIFAP, 2014.

Estava na minha casa
Conversando com companheiro
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro
(refrão)
O Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje ele é reconhecido
Por Barão do Rio Branco
(refrão)
Não sei o que tem o Bruno
Que anda falando só
Será possível meu Deus
Que de mim não tenha dó
(refrão)
A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
As casas que foram feitas
Foi só pra morar doutor
(refrão)
Estava na minha casa
Sentada não tava em pé
O meu amigo chegou
Cafuza faz café
(refrão)
Me peguei com São José
Padroeiro de Macapá
Pra Janary e Icoaracy
Não saíram do Amapá
(refrão)
Eu cheguei na tua casa
Perguntei como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador

A obra em questão, cantada e composta por uma mente aguçada de um marabaixeiro Raimundo Ladislaum que com grande maestria retrata um momento histórico cultural afrodescendente no Amapá, no qual o autor faz uma pergunta ao saudoso mestre Julião Ramos, que, pela narrativa do texto, percebe-se que estava se deslocando para algum lugar.

“Aonde tu vais, rapaz, por esse caminho sozinho?”, de alguma forma Raimundo Ladislau não fez essa pergunta em vão, mesmo eles sendo rapaz, já tinham certa experiência de vida, ele perceberá através do conhecimento empírico aplicado

em fazer uma leitura na fisionomia do mestre Julião Ramos que o mesmo partiria, no caminho sem volta, deslocado para os campos do laguinho, não por vontade, mas porque fora obrigado a sair da frente da cidade, onde encontravam-se muitos queixosos por suas permanências ali, todavia tais pessoas entendiam as manifestações culturais como práticas de magia negra e concomitância com o satanismo, acusações essas que partiram de pessoas líderes de igreja que deveriam pregar a igualdade étnica e social sem distinção de raça, cor ou posição social, deveriam ser seguidores do mestre Jesus.

Ainda sem sua resposta, Julião Ramos afirma que a avenida Getúlio Vargas está ficando um “primor” (pela excelência do trabalho que estavam fazendo naquele lugar) e que aquelas novas residências abrigariam gente da alta sociedade, os doutores “douto”. A resposta do mestre Julião Ramos foi de uma grande sabedoria, já que era uma pessoa que tinha uma das maiores faculdades que alguém pode ter, a faculdade da vida.

Sobre a memória e história cultural, Piedade Lino Videira³⁷ destaca que é preciso que a comunidade amapaense transponha a barreira de espectadora e tome para si a responsabilidade das futuras gerações não só ouvirem, saberem, mas dançarem o Marabaixo e vivenciarem o aprendizado contido em sua dança, cantigas, toques de caixa, ladainhas, gengibirra, promessas e expressões étnicas como herança de seus ancestrais africanos e afrodescendentes.

Acreditamos que as canções e os conteúdos poéticos de Marabaixo, em ambientes escolares ou não, constituem um excelente instrumento para ajudar as pessoas a se expressarem e a se envolverem em projetos relevantes dentro de suas comunidades. A transmissão desses conhecimentos gera questões significativas, como a participação dos alunos e das alunas na escola ou fora dela, que futuramente contribuirão para o repasse/transmissão da cultura e da religiosidade para as demais gerações.

Análise e discussão dos resultados

Na primeira semana deu-se início à intervenção da pesquisa e fez-se a visita ao campo de estudo para conhecer o ambiente escolar, bem como o corpo docente, os alunos, as alunas, e toda a estrutura da instituição de ensino que se disponibilizaram para essa averiguação. Feito isso, na segunda semana, aplicaram-se os questionários com os jovens do 1º e 3º anos com perguntas elaboradas de forma aberta e fechada, sendo os alunos e as alunas do 1º ano letivo com a faixa etária de 15 a 20, e do 3º ano, com 16 a 23 anos de idade. O percentual é de aproximadamente 55% de pessoas do sexo feminino e 44% do sexo masculino, num total de 31 questionários, sendo 12 por parte do 1º ano e 19 do 3º ano.

Não se pode deixar de falar que a escolha de 1º e 3º anos do Ensino Médio se deu pelo fato de sondar o grau de interesse pela leitura literária e se os mesmos tinham conhecimento da LA, haja vista que os alunos e as alunas de 1º ano estão iniciando no

³⁷ VIDEIRA, 2009.

ensino médio e os do 3º ano estão prestes a sair dos primeiros níveis de ensino para passar à educação superior.

Ao dar início às análises dos interrogatórios, em suas primeiras perguntas buscou-se saber se os alunos e as alunas tinham o hábito da leitura da literatura, e 55% dos entrevistados afirmaram que sim e 45% responderam que não; apesar da metade ter o costume, ainda se considera baixa a prática, já que os discentes, nesses anos subsequentes, deveriam estar mais familiarizados com o universo do livro.

Nos questionamentos seguintes, quando indagados sobre a importância da literatura e se essa é interessante, muitos disseram que sim e é de grande relevância, pois ajuda no aperfeiçoamento da língua em si e nos mostra um lado mais aprofundado de cada mensagem de texto, por meio dela comunica-se com uma prática respeitosa e aprendem-se novos conectivos, novas expressões; os outros responderam que não acham importante porque não gostam de ler. Assim vale ressaltar como é relevante a literatura de acordo com Tzvetan Todorov:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário³⁸.

Interrogados se o professor ou a professora instiga ao hábito de ler literatura, cerca de aproximadamente 84% responderam que sim. Fica evidente que o docente se preocupa com o afunilamento de ideias e com o futuro promissor dos educandos e das educandas, mas cerca de 15% disseram que o professor ou a professora não os incentiva. Para Maria Helena Martins³⁹, “a função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem”. É o que destaca também Regina Maria Braga e Maria de Fátima Silvestre:

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intenção é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso⁴⁰.

³⁸ TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. p. 76.

³⁹ MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 34.

⁴⁰ BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula*. São Paulo: Global, 2009. p. 22.

No ensino médio, é formidável apresentar novas possibilidades e perspectivas para alunos e alunas, levando em consideração aspectos linguísticos e formais da língua e, assim, preparar o aluno e a aluna para o desenvolvimento de pessoa leitora crítica e apta a descobrir as entrelinhas e outras informações que engrandecem as do primeiro momento de leitura.

Ao serem questionados quanto ao conhecimento da literatura amapaense, cerca de 87% responderam que não têm conhecimento. Sendo assim, fica evidente que a LA ainda é pouco discutida e utilizada como recurso didático por esses docentes. E aproximadamente 12% responderam que já estão inteirados com o assunto. Quando averiguados se a LA deveria entrar como disciplina no currículo escolar, aproximadamente 84% responderam que sim, porque de alguma forma anseiam conhecer mais sobre esse contexto literário. Levando-se em consideração a pergunta anterior, percebe-se a necessidade de uma implementação urgente da referida disciplina.

Sérgio Pedroso afirma que “Um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão”⁴¹. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação. Percebe-se a importância de se conhecer as raízes da própria cultura para que haja a formação de identidade, no propósito de se definir enquanto pessoa cidadã, sabendo situar-se na sociedade.

Nas interrogativas finais a respeito do conhecer alguma obra do Marabaixo, sua importância e sua notoriedade, ficou claro que em torno de 65% dos questionados já conhecem a cultura do Marabaixo e suas vertentes, o que é bom, porque se observa que tem se expandido a temática. Em contrapartida, 35% responderam que desconhecem o Marabaixo. Sérgio Pedroso nos adverte que:

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação, e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos, e só as raízes nos dão legitimidade⁴².

É importante conhecer as raízes, edificar a identidade e fazer parte de uma cultura legítima. O Brasil, por ser um país miscigenado, nos lugares mais longínquos, não se pode deixar apagar a memória, a existência e a autenticidade.

Em relação à sua importância, muitos responderam que é relevante ter em nosso meio uma manifestação cultural cujo objetivo é celebrar a felicidade, a fé e, nesse caso, mais precisamente, a libertação. Vera Maria Candau e Antônio Flávio Moreira⁴³ afirmam que a cultura é, por sua vez, um componente ativo na vida do ser humano e

⁴¹ PEDROSO, Sérgio Flores. *A carga cultural compartilhada: o bilhete de passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. Campinas: [s.n.], 1999.

⁴² PEDROSO, 1999, p. 9.

⁴³ CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. *Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos*. *Revista Brasileira de Educação*, Brasil, v. 23, p. 156-168, 2003.

manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo, e não há indivíduo que não possua cultura, ao contrário, cada um é criador e propagador de cultura.

Intervenção colaborativa: momento de palestra com os alunos e as alunas

Na terceira semana, voltou-se ao local de pesquisa para, junto com o corpo docente e com a participação dos alunos e das alunas, efetuar uma palestra utilizando como base e pressuposto o Dia Nacional da Consciência Negra. Aplicou-se o tema de abrangência do artigo proposto, falando da chegada dos negros às terras tucujus⁴⁴, dos problemas por esses enfrentados, da discriminação pela cultura oriunda de religiões de matrizes africanas, até mesmo por parte de padres religiosos da época.

Dando continuidade, falou-se da Lei nº 10.639/2003 para aqueles que desconheciam. Ressaltou-se também a literatura local, e o foco foram as canções do Marabaixo, onde se destacou a importância de manter vivas as identidades e tradições, já que essas raízes agora são patrimônio cultural da humanidade.

Num outro momento foram distribuídas cópias das canções “Aonde tu vais, rapaz” e “Gandario”, cantou-se e tocou-se com a participação de todos os que estavam ali presentes e depois explanou o que a cantiga queria retratar. Após isso, realizou-se uma dinâmica com os alunos e as alunas que se dispuseram a participar de forma voluntária e colaborativa. A atividade funcionou da seguinte forma: levou-se uma caixa onde estavam canções, na qual fora feito um círculo e passava-se a caixa de mão em mão, até que a música parasse, e a pessoa escolhida teria que retirar um dos papéis e fazer a leitura e depois teria que responder com base nos ensinamentos expostos durante a palestra, bem como o que a canção estava retratando em suas estrofes.

A dinâmica foi primordial para a pesquisa e trouxe resultados que já eram esperados quando foram aplicados os questionários, porque foi perceptível que estudantes tinham muitas dúvidas acerca da cultura e da religiosidade regional, e com isso fizeram muitas perguntas sobre o Marabaixo, finalizando assim a pesquisa colaborativa.

Considerações finais

Compreendemos com este estudo que se a literatura eurocêntrica, as memórias e as narrativas têm contribuído para reforçar o racismo presente na escola, elas também nos permitem reconstruir histórias silenciadas. Assim, acreditamos que a literatura amapaense pode reforçar mitos, estereótipos e um imaginário desabonador da negritude, o que reflete claramente a dificuldade de a escola reconhecer o outro como sujeito histórico, de direitos culturais e religiosos.

É sabido que o universo literário não para de evoluir, dessa maneira a arte da escrita e a leitura ainda são a forma mais antiga de se adquirir entendimento, para

⁴⁴ Nome dado às terras amapaenses.

com esse ter consciência do mundo ao seu redor. A escolha da área literária deu-se a partir da possibilidade de trabalhar o cognitivo, a percepção e a elucidação da mente humana, já que esta é tão importante. E cada ser humano deve ser instigado de forma particular e compreendido no meio coletivo.

Trabalhar essa temática local deveria ser um compromisso das escolas, dos educadores e educadoras, haja vista que é um direito assegurado por lei, que torna indiscutivelmente isso possível, mas infelizmente, na maioria das vezes, não é posta em prática, tampouco respeitada. Ter a implantação de uma lei nacional para dialogar sobre o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira já foi um grande avanço, apesar de não executada com afinco, mas precisa avançar no contexto regional, não somente através de datas festivas que fazem alusão àquela ou a outras culturas.

Entendemos que seja importante dar voz aos estudantes e suas culturas, e nesse processo alargar o repertório de narrativas e da literatura amapaense já existentes na escola, reafirmando sua possibilidade enquanto um espaço de construção de sujeitos, coletivos e individuais. Falar do Marabaixo é algo que salta aos olhos do povo amapaense, pois faz relembrar fatos históricos e vislumbra o cenário atual da cultura local e da diversidade tão rica no Brasil.

As canções de Marabaixo retratam fatos que ocorreram no passado, cantigas de protesto, reflexivas, que ensinam, canções que irão perpetuar ecoando de um cantinho da Amazônia. Quisera todo o país tomar conhecimento de tais obras para enriquecimento da história e valorização cultural regional amapaense. Reconhece-se que faltam políticas públicas eficazes voltadas para essa temática no âmbito educacional, assim espera-se que haja uma participação maior das autoridades governamentais e da sociedade amapaense de modo geral.

A pesquisa revelou ainda, dentre outros aspectos, que quando os educandos e as educandas têm acesso a esse conhecimento, há mudanças no modo de se relacionarem com a cultura, conforme revelou o estudo. Assim, através desta pesquisa verificamos a relevância da pluralidade cultural e religiosa em sua amplitude, trazendo a compreensão de que as crenças, os valores culturais, a memória, a história e os costumes de cada grupo são decisivos para a autoafirmação de suas identidades. No começo das discussões dos conteúdos e das propostas da pesquisa foi perceptível um certo desinteresse por parte de alunos e alunas, mas entende-se que não se pode gostar daquilo que não se viu e com o que não se teve contato. Logo, a partir das inserções dos conteúdos foi notório o avanço, pois se contemplou um enorme interesse pela temática proposta.

Consideramos que este trabalho de intervenção pedagógica foi satisfatório, pois, ao desenvolver atividades de LA no ensino médio, tivemos a oportunidade de estabelecer uma relação interdisciplinar com os componentes curriculares da Literatura, Artes, Língua Portuguesa e História. Houve assimilação e entendimento por parte dos alunos e das alunas quanto aos conteúdos e canções de Marabaixo. Portanto podemos concluir que pesquisas voltadas para a valorização da cultura e da religiosidade são primordiais para a compreensão e manutenção da identidade de um povo.

Referências

- ALBUQUERQUE, Elane Carneiro. Cheiros e batuques do museu: construindo conceitos poéticos no quilombo do Curiaú. *Revista Negro e Educação – Linguagens, educação, resistências, políticas públicas*, São Paulo, v. 4, p. 73-93, 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula*. São Paulo: Global, 2009.
- BRASIL. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDAUI, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, Brasil, v. 23, p. 156-168, 2003.
- CANTO, Fernando. *A água benta e o diabo*. 2. ed. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), 1998.
- _____. *Vertentes discursivas da Fortaleza de São José de Macapá*. das cartas dos construtores às transformações e apropriações simbólicas contemporâneas. Macapá: Editora da UNIFAP, 2014.
- CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. *Políticas públicas e direito ambiental cultural: as religiões de matrizes africanas no currículo escolar no Amapá*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2014.
- _____. *Comunidade Quilombola do Mel da Pedreira no Amapá: protestantismo como eixo de identidade religiosa*. 2017. 324 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.
- CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; SANTOS, Rubelina Silva dos. Narrativas ficcionais – potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 4, e5813, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5813>. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5813/15911>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FIGUEIRA Vera Moreira. *O preconceito racial na escola*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1991. p. 28-41.
- FOSTER, Eugenia da Luz Silva; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Contribuições da narrativa ficcional na superação do racismo e na implementação da Lei nº 10.639/2003 nos currículos. *BOITATÁ*, Londrina, n. 20, p. 331-346, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31494>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Nas terras do cabo norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII/XIX*. Belém: Editora Universitária UFPA, 1999.

- IBIAPINA, Ivana Maria. *Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão*. Piauí: Edufpi, 2016.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Museu Histórico do Pará, 2019*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4891/expressao-cultural-amapaense-o-marabaixo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- JESUS, Romilda Maria de; KATRIB, Cairo Mohamad. Nós da memória: saberes africanos, vivências e (Re)significação identitária. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Orgs.). *Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil*. Uberlândia: Lops, 2012. p. 414.
- JODELET, Denise (Org.). *Les représentations sociales*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MORAIS, Paulo Dias; ROSÁRIO, Ivone Santos de; MORAIS, Jurandir Dias. *O Amapá na mira estrangeira: dos primórdios do lugar ao laudo suíço*. Macapá: JM, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- PEDROSO, Sérgio Flores. *A carga cultural compartilhada: o bilhete de passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. Campinas: [s.n.], 1999.
- PEREIRA, Nunes. *O sahiré e o marabaixo: Tradições da Amazônia*. Contribuição ao Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore, 2012.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, 2013. (recurso eletrônico).
- SANTOS, A. de F. T. Cultura e educação a serviço da transformação social. In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia; GONDRA, José (Orgs.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *Não somos filhos sem pais: história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul*. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: Significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: UFC, 2009.
- VIDEIRA, Piedade Lino et al. Marabaixo como instrumento pedagógico no processo de ressocialização de crianças no “Abrigo Criança Feliz” em Macapá-AP. *Plures Humanidades*, v. 20, n. 1, p. 86-108, 2019. Disponível em: <<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/394>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Literatura e pedagogia: Ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.